

HÁBITOS E VÍCIOS NA MODERNIDADE: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS REVISTAS EU SEI TUDO E ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, DO ANO DE 1922

HABITS AND VICES NOWADAYS: GENDER REPRESENTATIONS IN THE MAGAZINES EU SEI TUDO AND ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, IN THE YEAR 1922

Zulemar Augusta Giroto Savian¹

¹ Graduada em História e Mestranda em Ciências Sociais pela UNESP, campus de Marília. Artigo realizado como requisito final do curso de Especialização em Antropologia da Universidade do Sagrado Coração, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lourdes M. G. C. Feitosa.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

RESUMO

O artigo busca, à luz das relações de gênero, a representação do que se considerava ser um “sujeito moderno” para a elite fluminense nos anos de 1922, visto que, neste período, as consolidações do progresso e da modernidade se multiplicavam cada vez mais na cidade do Rio de Janeiro. O ensaio investiga o uso de substâncias como o álcool, cigarros e outras drogas, por esta elite, pautado numa análise bibliográfica e qualitativa, na visão de duas revistas pesquisadas: Eu sei tudo e Ilustração Brasileira. Para o entendimento de novos signos, conceitos e identidades indicadas, as performances de femininos e masculinos de e para esta classe social mais abastada, a pesquisa percebe bons hábitos que eram seguidos no vestuário, na sociabilidade, além de vícios, desde o consumo da cocaína, dos cigarros industrializados e das bebidas alcoólicas.

Recebido em: 12/12/2014
Aceito em: 30/03/2015

Palavras-chave: Gênero. Modernidade. Hábitos. Vícios. Elite fluminense.

ABSTRACT

The article seeks, in what concerns gender relations, the representation of what is considered to be a “modern subject” for fluminense elite in the years 1922, since in this period the consolidations of progress and modernity multiplied increasingly in city of Rio de Janeiro. The essay investigates the use of substances such as alcohol, cigarettes and other drugs by this elite, based on a literature and qualitative analysis, the vision of two research journals: *Eu Sei Tudo* and *Ilustração Brasileira*. For understanding new signs, concepts and identities indicated, the performances of male and female and from this more affluent social class, research realizes good habits that were followed in clothing, sociability, and vices, since the consumption of cocaine, of manufactured cigarettes and alcohol

Keywords: Gender. Modernity. Habits, Addictions. Fluminense high society.

Introdução

“A vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa” (ELIAS, 1994, p. 20).

O século XX foi um período de avanços científicos muito importantes. O desenvolvimento tecnológico proporcionou à civilização o crescimento das indústrias, o controle de doenças, a nova organização das cidades e os novos padrões de relações sociais. O poder do conhecimento e o poder do consumismo se propunham a resolver todos os problemas da esfera pública e privada. O fato de se usar determinadas roupas, de fumar determinada marca de cigarro, ou mesmo de bebericar uma cerveja específica, poderiam classificar o sujeito como integrante da elite ou das classes menos abastadas.

No caso do Brasil, as tendências dinâmicas do alvorecer do século passado estavam presentes no ano do centenário de sua independência, 1922, particularmente em sua capital, a cidade do Rio de Janeiro. Viam-se novas considerações elitistas sobre o significado da

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

modernidade e de novas relações sociais entre femininos e masculinos, estampadas em impressos como os das Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, ou em produções jornalísticas como as dos escritores Coelho Neto e Álvaro Moreyra.

Este ensaio busca, a partir das relações de gênero, o entendimento de conceitos como civilização, identidade e novas significações de hábitos e vícios na modernidade, a partir da análise de duas Revistas de 1922: Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, além da consulta a jornais, teses, sites, anais de congresso, fotos e propagandas. As duas revistas são importantes para a pesquisa à medida que abrem espaço para a investigação de sugestões de comportamentos à parcela de seu público leitor.

O método utilizado será qualitativo, pois se justifica como forma adequada para entendimento do problema da pesquisa: Valorização do uso de drogas no período, como o cigarro, bebida, cocaína, para as pessoas da elite, visto que, se os perfis idealizados de masculinidade e de feminilidade eram conflitantes com os prescritos pelo saber médico da época, pode-se perceber limites da ação desse saber médico no tecido social fluminense.

Desta forma, propõem-se duas questões. Primeiro, se as representações encontradas refletiam hábitos sociais positivos, se possíveis mudanças aconteceram no tecido social e na relação feminino/masculino na elite fluminense, no período em questão. Segundo, se o reflexo dos hábitos era considerado negativo e se seria possível a existência de mecanismos de controle e regulamentação para o combate e repressão aos mesmos.

Como objetivo geral busca-se investigar a construção de novas identidades, ou não, de sujeitos femininos e masculinos, na elite fluminense urbana em 1922, e suas possíveis representações em contos, reportagens e fotografias das revistas. Há interesse em se encontrar símbolos que representam comportamentos sociais considerados modernos, ora positivos ou negativos, na relação feminino/masculino, pela elite fluminense urbana do período.

A pesquisa soma-se à Antropologia (Social/ Gênero), visto que focaliza um grupo em especial, a elite fluminense de 1922, e auxilia a mostrar a variação específica de suas relações sociais. Também pauta na linha do gênero, já que busca a análise de perfis de masculinos e femininos, segundo a visão das revistas.

Segundo Pedro (1998), a ideia de gênero surgiu durante a década de 1980, com as epistemologias femininas e tem se mesclado a diversas áreas do conhecimento, da História à Antropologia.

Nesse período, o gênero ganhou destaque no debate mundial, quando pesquisadores colocaram em pauta o papel das mulheres na História, para compreender diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. Segundo Feitosa (2005), as discussões feministas vieram acompanhadas de uma reelaboração dos princípios teóricos das Ciências Humanas, pouco preocupados com o protagonismo feminino na História.

Com o pressuposto de reintegrar as mulheres à sua história, num primeiro momento, as pesquisas priorizaram o tema do trabalho feminino fora de casa e da crítica ao patriarcado. Segundo Matos (1998), num leque de várias correntes de interpretações, se procurou recuperar a atuação das mulheres no processo histórico como sujeitos ativos, de modo que imagens de passividade e confinamento ao espaço do lar foram questionadas.

Os estudos de gênero adquiriram notoriedade em função das críticas e tensões dos movimentos feministas. Incorporaram, mesmo que tardiamente, a questão da violência numa perspectiva histórica e investigações sobre o imaginário feminino e masculino. Diversificou-se as fontes de pesquisa e a música, a literatura, a imprensa, o cinema e a mídia passaram a ser usados nos trabalhos acadêmicos. Desta forma, mudam-se as concepções teóricas na produção do conhecimento acadêmico, pautado na discussão da Nova História, teoria crítica marxista e pós-modernismo, em uma análise interdisciplinar (FEITOSA, 2005; PEDRO, 2005).

Em 1940, Margareth Mead já separava o sexo do dado biológico e afirmava que cada sociedade usava a diferença sexual como argumento na constituição de papéis sociais. Por volta da década de 1990, com a tradução da obra *Gênero uma categoria útil de análise*, Joan Scott retoma a diferença entre sexo e gênero:

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1989, p. 14)

Para Scott (1989), entender o gênero significa perceber que o mesmo é uma construção social e não se define biologicamente a partir do sexo dos seres. É algo que significa as relações de poder entre os indivíduos, delimitando comportamentos exclusivos de masculinos e femininos conforme a classe social, etnia e cultura.

Isto é de extrema importância para análise de processos artificiais na construção de certos conceitos supostamente “naturais” aos

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

indivíduos. Para Matos (1998), quando se desagrega o gênero do sexo biológico vinculando-o ao social, pode-se observar a complexidade do processo histórico, o que implica aceitar as mudanças e descontinuidades históricas.

Os estudos de gênero estão inseridos no processo de reorganização a certas tendências da historiografia contemporânea. Podem questionar a concepção de História como uma evolução linear e progressiva do tempo, vinculada a leis e prognósticos do futuro. Essa nova perspectiva rompe com a segmentação entre passado e presente e contribui para a ampliação do objeto do conhecimento histórico. Leva-se à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades (FEITOSA, 2005). No diálogo interdisciplinar, os estudos de gênero possibilitam recuperar outras manifestações culturais da experiência coletiva e individual de homens e mulheres, destacando que o social é historicamente construído.

Nesse sentido, é importante relacionar o gênero às representações de femininos e masculinos na visão das revistas para se observar que as diferenças sexuais, enquanto construções sociais, não estavam localizadas exclusivamente em um ponto fixo. As experiências sociais masculinas e femininas emergem numa condição própria em sociedades específicas, variando conforme a cultura, classe social e etnia em que se inserem. Conforme os Estados modernos se consolidaram, parecem se ligar à construção de novas identidades e novos sujeitos sociais.

Novo Estado, novo sujeito moderno

Nesses últimos duzentos anos, o ser humano tornou-se ser vivente, não sozinho no mundo, mas parte integrante do “patrimônio das espécies de animais na Terra”, graças à ruptura do ideal medieval do criacionismo, pelo pensamento evolucionista. Isto se deve ao desenvolvimento das ciências naturais, da anatomia, dos novos ideais políticos, sociais, regidos por um poder disciplinar inventado no momento em que a vida então se tornou um problema político (FOULCAULT, 1999, p. 131).

Nem a sociedade nem o indivíduo podem coexistir um sem o outro. Sem indivíduo não existe sociedade e vice-versa, não somos certamente bons uns com os outros. Na civilidade, a maioria das pessoas não se conhece, porém existe uma ordem oculta que não é

perceptível pelos sentidos, porque “cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar” (ELIAS, 1994, p. 21).

No conceito do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990), a identidade do sujeito moderno se forma a partir da construção do Estado Moderno. Em sua obra *O Processo Civilizador* (1939), o autor analisa a formação deste Estado e apresenta o processo de formação do “homem civilizado” e seus aspectos relacionados à educação e ao bem viver em sociedade: traça os acontecimentos históricos do *habitus* europeu, conceito substância, sentimento e razão, uma espécie de estrutura psíquica de cada indivíduo que é moldada pelas atitudes sociais. Através do estudo de manuais de boas maneiras, de Giovanni Della Casa e Erasmo de Rotterdam, o objetivo do autor é tornar evidente que os princípios analisados são inclusões da estrutura mental e emocional da aristocracia que foram apropriadas pela burguesia, no fim da Idade Média, com a propagação do pensar, sentir, costumes e hábitos da burguesia, que chegou ao poder e precisava ser civilizada como era a nobreza alemã.

Então é a partir do século XVIII que o conceito de “civilidade” transforma os indivíduos e cria novas considerações sobre construções de identidades de gênero elitistas. Elias (1994) constata que segundo os manuais de boas maneiras, para o então burguês alemão parecer com o nobre da classe alta, não se devia: tossir, escarrar, arrotar, expelir gases, espirrar, falar alto, sair brigando com qualquer um aos socos. Deveria vestir-se adequadamente, comer à mesa, manter-se limpo e colocar o máximo de palavras em francês numa conversa, pois era considerada uma língua elegante e estava em moda.

O processo civilizador, para Elias (1994), constitui uma mudança em longo prazo, na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica que culmina em comportamentos próprios da elite burguesa alemã. No entanto, reconhece que pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, nessa civilização, gestada com a formação dos Estados Nacionais. A mudança se efetivava gradualmente por meio de medidas conscientes e racionais ao longo de todo século XIX.

Segundo o autor, as unidades sociais que chamamos de nações diferem muito na estrutura da personalidade de seus membros, nos esquemas através dos quais a vida emocional de seus indivíduos é moldada na pressão da “tradição institucionalizada” e da situação vigente. Elias, citando Nietzsche:

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

O alemão diz, *Além do Bem e do Mal*, adora a sinceridade e a integridade. Como é confortador ser sincero e íntegro. Este é talvez o mais perigoso e enganador de todos os disfarces no qual o alemão é perito, essa honestidade alemã confidencial, obsequiosa, que sempre mostra suas cartas, (...) é um dos muitos exemplos de como, com a lenta ascensão da classe média, suas características sociais específicas se transformam em características nacionais (NIETZSCHE, apud ELIAS, 1994, p. 49).

A expressão da auto-imagem alemã aponta para as diferenças em autolegitimação, em caráter comportamental, mas reflete para a nação a construção de ideais de determinada classe que ascendeu ao poder e que se transformam em símbolos nacionais. Porém, cabe lembrar que nem sempre a visão hegemônica comportamental de uma sociedade é a que melhor lhe representam no contexto nacional, muitas outras representações caberiam à investigação no caso da formação da sociedade alemã, tanto para padrões masculinos como femininos.

Estas mesmas considerações colocadas por Elias, para a sociedade alemã do pensamento iluminista, fazem muito sentido quando conectadas a 1922 e à elite fluminense. Da mesma forma como um manual de boas maneiras, as Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira podem indicar a seus leitores comportamentos específicos de bons costumes e da boa sociabilidade para esse grupo social; muitos desses comportamentos, assim como para os alemães, se transformam em características propostas como hegemônicas.

A história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de comportamento social e essa história refere-se não apenas à questão da etiqueta, mas também diz respeito à moral, à ética, ao valor interno dos indivíduos e aos aspectos externos que se revelam nas suas relações com os outros. Para Oliveira (2012), todas as sociedades, ao longo da história, criaram normas e princípios com a finalidade de orientar as relações entre grupos e pessoas. Já para Foucault (1999), normas impõem regras de conduta que se não forem seguidas, implicam em penalidades, que vão desde a desaprovação, a punição e a exclusão daqueles que não as respeitam.

Foucault (1999), assim como Elias, cita que as transformações drásticas do modo de vida também são decorrentes do pensamento iluminista europeu e remetem a transformações nas formas de coerção do indivíduo. Nas últimas décadas do século XIX, essas transformações derivam da construção de uma “biopolítica” que se reflete a um investimento que atribui sentido ao intervalo da vida, entre o nascer e o morrer. Segundo o autor, tem-se a criação de um “*homem corpo*”, uma identidade individual, pautada na sociedade disciplinar

da constante normatização, da disciplina, da distribuição espacial, da separação dos gêneros, do alinhamento, da organização e da constante vigilância dos corpos. É a invenção do “*homem espécie*”, da identidade coletiva do ser humano, mais universal, que cria o termo população, e coloca o indivíduo num grupo, em uma estatística.

Segundo o professor Pacheco, pesquisador do núcleo Gênero e Violência do departamento de História da UNIMONTES, Foucault e Elias concordam no seguinte sentido:

Para esses autores, mudanças ocorridas na ordem social desencadearam um processo de transformação nas formas de coerção sobre o indivíduo. A coerção tradicional, baseada na forma externa do poder soberano, se transformou na coerção interna: Elias fala em autocontrole das condutas e sentimento; Foucault fala em disciplinarização do corpo. Em Foucault, o desenvolvimento da disciplina foi dependente do uso de técnicas disciplinares dentro de diversas instituições e do crescente desenvolvimento das ciências como forma de conhecimento que, associadas ao impacto das organizações burocráticas e do trabalho, possibilitaram a modelagem do indivíduo dócil e a transformação da sua experiência de mundo. Elias opta por explicar a natureza das mudanças face ao maior autocontrole das condutas e sentimentos, fruto da relação de interdependência entre os indivíduos; o que ele chamou de processo civilizador (PACHECO, 2009, p.255).

Isto é, para o professor Pacheco, em Norbert Elias não há um sujeito específico e impulsionador das mudanças na consolidação da modernidade; este sujeito aparece como algo que não foi planejado conscientemente pelos grupos detentores do poder. O processo civilizador do Estado Moderno se apóia na relação constituída, por meio da interdependência dos indivíduos e da difusão de ideias. Em Foucault, esse processo se apresenta como uma imposição de um grupo dominante, representado pelos “detentores do saber”: as instituições reguladoras, como a ciência médica, a polícia, o clero.

Pacheco (2009) ainda enfatiza que Norbert Elias enxerga o indivíduo moderno como alguém que tem autonomia no exercício da escolha racional, quanto mais autocontrole ele tiver, mais poderá atuar de maneira livre. Para Foucault, a esse indivíduo moderno é inviabilizada a autonomia de escolha racional. Ele não é autônomo, porque órgãos disciplinadores cerceiam sua escolha; é necessária a transgressão da disciplina para que haja movimentação.

A criação da *norma* é algo que, segundo Foucault, pode se aplicar tanto ao “corpo individual”, no desempenho dos papéis de gênero, quanto à população. A criação da norma se reflete na transformação do modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a convencer-lhes que eram necessários novos hábitos e práticas de

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

consumo, conforme os parâmetros do que significava, então, se tornar um indivíduo moderno.

Novas concepções de modernidade

No começo do século passado, as noções de tempo e trabalho se consolidavam com mais intensidade, em particular no sudeste brasileiro. As antigas vilas do Brasil Colônia, como São Paulo, receberam grande concentração de gente em função da monetarização do trabalho, processo que já estava em curso desde o século XIX. A nova forma de trabalho assalariado engendrou mecanismos de controle para garantir sua funcionalidade ao novo patamar da cidade.

Com a industrialização e o capitalismo, foram consideráveis as mudanças das cidades brasileiras, principalmente na região sudeste. A modernização, unida à grande migração urbana, deu início a um novo tipo de cidade, radicalmente diferente da antiga vila brasileira. Em 1890, as cidades já tinham chaminés de fábricas e um movimento mais intenso de circulação de mercadorias e a cidade do Rio de Janeiro reunia a segunda maior concentração de operários em 1922, perdendo apenas para São Paulo (CUNHA, 1986; RAGO, 2009).

A expansão da cidade foi acompanhada pelo rápido crescimento dos serviços urbanos e o proletariado industrial e os demais contingentes populares foram afastados para os bairros cada vez mais distantes. Separou-se o público do privado e consolidou-se um padrão de privacidade familiar, regras, higiene e moralidade.

Segundo Alvim (1998), a configuração do espaço urbano foi o palco das novas relações sociais: primeiro, de produção, em que o assalariamento substituiu a escravidão com base no falso princípio da igualdade entre os indivíduos; segundo, da desigualdade social, com a criação de espaços diferentes para classes desiguais, que conseqüentemente fomentariam percepções de diferentes masculinidades e feminilidades.

Com a modernidade foi alterada a própria noção de sexualidade. Com base nas obras clássicas greco-romanas, acreditava-se até a Idade Média que se existia apenas um sexo e, portanto, um gênero: o masculino. Laqueur (2001) cita obras de Galeno, do século II, que influenciaram o imaginário ocidental até meados do século XVIII. Nestas obras há relatos de que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que dentro do corpo. A vagina era vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos. Por volta de 1800, segundo o autor, “to-

dos os escritores” (pertencentes à reprodução de uma ciência ocidental iluminista e eurocêntrica é claro) se basearam no que insistiam serem diferenças fundamentais entre os sexos masculino e feminino (LAQUEUR, 2001, p. 17).

Nas novas cidades modernas, as diferenças entre os sexos passaram a ser consideradas como determinantes para as relações em sociedade, em especial à elite fluminense. Desta forma, com o teor do saber médico, considerava-se a partir do século XIX que existiam dois sexos, estáveis e opostos e que a vida pública e privada, assim como os papéis de gênero, estavam, de certa forma, baseados nessa dualidade (FEITOSA, 2005, SCOTT, 1989).

Como encruzilhada do gênero “*homem corpo*” indivíduo, com o “*homem espécie*” coletivo, entre a disciplina e a regulamentação se encontra a construção de novos símbolos para caracterizar identidades específicas a grupos sociais, como a elite fluminense.

Com a nova organização da cidade, a burguesia industrial urbana, aliada à ciência médica, influenciou na criação de novos conceitos de masculino e feminino, na construção de uma imagem do bom trabalhador associada à família e à moral. Segundo Rago (2009), foi necessário o controle do tempo do trabalhador para discipliná-lo às suas funções de proletariado fabril.

A monetarização das relações de trabalho garantiu uma mão de obra “de baixo custo” aos patrões, e criou, nas cidades, um espaço de concentração de enorme contingente humano de despossuídos, que resistia às margens da sociedade do trabalho:

Além do desafio de disciplinar estas multidões, com o controle do tempo e do trabalho, havia também uma ameaça a ser esconjurada, e que residia às margens da sociedade do trabalho, corporificada nas figuras dos vadios, dos jogadores, das prostitutas e seus cafetões, dos ladrões, de todos os tipos de desordeiros contidos na população urbana (CUNHA, 1986, p. 25).

Os novos vícios e hábitos elitistas difundidos na capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, fomentaram preocupação muito grande por parte do Estado em controlar, taxar, punir, vigiar o uso de substâncias consideradas inadequadas ao padrão de comportamento idealizado aos gêneros, no Brasil, em 1922.

Entre os juristas da união, ganhou dimensão de certeza associar alcoolismo à criminalidade; o primeiro sendo causa necessária da segunda. No entanto, criminalistas disputavam entre si a forma de o Estado intervir no meio social para coibir esta e outras práticas sociais consideradas inapropriadas.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

O decreto de lei nº 4.294, de julho de 1921, estabelecia penalidades para os contraventores de cocaína, ópio, morfina e seus derivados e criava um estabelecimento especial para internação dos intoxicados pelo uso excessivo de bebidas alcoólicas ou substâncias consideradas inebriantes, e estabelecia as formas de processo e julgamento, na gestão do presidente Epitácio Pessoa:

Art. 1º Vender, expôr a venda ou ministrar substancias venenosas, sem legitima autorizaçãõ e sem as formalidades prescriptas nos regulamentos sanitarios: Pena: multa de 500\$ a 1:000\$000. Paragrapho unico. Si a substancia venenosa tiver qualidade entorpecente, como o opio e seus derivados; cocaína e seus derivados: Pena: prisãõ cellualar por um a quatro annos.

Art. 2º Apresentar-se publicamente em estado de embriaguez que cause escandalo, desordem ou ponha em risco a segurança propria ou alheia: Pena: multa de 20\$ a 200\$. O dobro em cada reincidencia.

Art. 3º Embriagar-se por habito, de tal modo que por actos inequivocos se torne nocivo ou perigoso a si proprio, a outrem, ou a ordem pública: Pena: internaçãõ por três mezes a um anno em estabelecimento correccional adequado.

Art. 4º Fornecer a qualquer pessõa em logar frequentado pelo público bebida ou substancia inebriante com o fim de embriaga-la, ou a que já estiver embriagada: Pena: multa de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Si o infractor fôr o dono da casa commercial de que provier a bebida ou substancia inebriante: Pena: a estabelecida o substancia inebriante, por um a seis mezes.

Art. 5º Serã punido com a multa de 100\$ a 500\$ ou o dobro da última que lhe houver sido imposta, o dono da casa que, fazendo o commercio de bebida ou substancia inebriante, a fornecer ao público, fóra das horas fixadas nas posturas municipaes, ou consentir que a qualquer hora, seja alguma bebida ou substancia inebriante fornecida a pessoa menor de 21 annos, ainda que destinada ao consumo de outrem (Decreto nº 4.294, de 6 de Julho de 1921, Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/7/1921, página 13471).²

Nota-se que o Estado brasileiro, por meio deste decreto, encaminhava às instituições especializadas como hospícios e casas de repouso ou estabelecia em altas quantias valorativas indivíduos que abusavam de bebidas alcoólicas e que não se comportavam com a “decência que a boa educação requeria” junto ao meio público. Aos usuários do “novo vício”, além de multa, estabelecia a prisão para venda fora das horas permitidas no comércio municipal e na venda para menores de 21 anos.

Pode-se citar a medicina higienista como órgão repressor no controle aos degenerados e transgressores da lei. Segundo Junior e Lo-

² A grafia está colocada de acordo com o decreto original, visto que em 1921 a língua portuguesa se utilizava de outras normas ortográficas, diferentes das atuais.

visolo (2003), a Ciência Médica criou um movimento higienista que tinha um caráter coletivo na prescrição de hábitos higiênicos como parte de um projeto de finalidades educativas que visavam uma formação moral do homem espécie. Os hábitos teriam um fim em si mesmo, na preocupação com o indivíduo/privado para o coletivo/público. Se relacionam a esse tipo de movimento as técnicas de controle dos corpos que Foucault cita como agravantes de um estado de biopoder.

A medicina higienista como saber científico apoiado pelo Estado brasileiro, redefine padrões de conduta familiar, padrões de sexualidade e costumes a serem seguidos pelo bem da moralidade pública. Segundo Migueloni e Feitosa (2013), foi com base nesse objetivo que se estabeleceu o tratamento moral e psíquico para indivíduos considerados inadequados aos padrões da boa sociabilidade, que se desconectavam da ordem social. Para as autoras, a reclusão dessas pessoas dava-se nos asilos psiquiátricos e a construção da loucura como doença mental tinha como principais áreas de intervenção os comportamentos sexuais, as relações de trabalho, a segurança pública, e o consumo em excesso das substância inebriantes como o álcool e outras drogas.

Ricos, pobres, classes médias urbanas, fazendeiros, industriais, banqueiros, comerciantes, proletários e uma grande massa popular necessitaram se adequar às novas relações de tempo e de trabalho e ao novo modelo moral de família nuclear e higienizada proposto pelo saber médico.

A medicina higienista tinha um caráter social, tinha também a meta de limpar, higienizar e embelezar os espaços sociais e: “*cuidava tanto da saúde do corpo do indivíduo, como da saúde das cidades, protegendo-as das epidemias e das doenças originadas em seu meio*” (MIGUELONI, FEITOSA, 2013, p. 8). Parcela da medicina higienista também estava pautada na Teoria da Eugenia, criada por Francis Galton e que se resume no estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física como mentalmente. Por meio de casamentos e uniões seletivas, Galton acreditava que podia modificar a natureza das pessoas, separando aqueles que supostamente eram perfeitos e preservando a qualidade das futuras gerações. Segundo Rosostolato (2014), a degeneração biológica passou a ser uma preocupação e a prescrição era a proibição de uniões entre pessoas de uma elite branca com outras nuances da população.

Na Teoria da Eugenia a elite branca via a “deplorável” saúde dos mais pobres como algo a ser solucionado por meios técnicos que

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

se assentavam em crenças biológicas sobre origem de males social e historicamente criados. Segundo Miskolci (2006), essa elite branca endossava a ciência médica como modernidade cultural e buscava nela meios para lidar com problemas que só poderiam ser resolvidos por meio de transformações econômicas e sociais profundas. Cita o autor que no Brasil as técnicas mais conhecidas de “aprimoramento da raça” foram as esterilizações, a segregação sexual, os exames médicos e certificados pré-nupciais.

As teses em prol da Eugenia partilhavam da convicção de que era preciso promover políticas para aprimorar a “raça”, com perseguição e repreensão dos que faziam uso excessivo de substâncias consideradas inapropriadas ao bem estar social. Segundo Cunha (1986), o objetivo do saber médico era consolidar um tratamento moral à família com a internação em manicômios dos considerados degenerados. Para a autora, havia internações de pessoas prostituídas, alcoólatras, toxicômanos, indivíduos negros e pobres, homossexuais e imigrantes.

Nesse sentido, aliava-se à Eugenia a teoria do Alienismo. Nesta teoria, o “desvio” ocorria em função de hereditariedade e sua doença era considerada como loucura moral, curável apenas com tratamento em instituições manicomiais. Segundo Miqueloni e Feitosa (2013), o Alienismo focava nos indivíduos que resistiam à disciplina, à normalização do trabalho, à moral e aos bons costumes.

Todas essas mudanças trazidas pela regulamentação da modernidade na adequação da legislação ao controle de drogas e na constante vigilância moral dos indivíduos, além de alterarem a significação das relações sociais na criação de novos mecanismos de controle, também influenciaram em mudanças no panorama físico da capital brasileira, na resignificação de espaços urbanos que deveriam condizer com as aspirações dos novos grupos hegemônicos.

Ao ritmo da locomotiva e com aval da medicina higienista e do Estado, o espaço urbano modificou-se da mesma forma que os padrões de controle e disciplinarização da vida urbana. A palavra de ordem em 1922 era a reurbanização do Rio aos moldes de Paris (HOBBSAWNM, 2009)

Segundo o historiador Sevcenko (2009), reformou-se o centro da cidade, destruíram-se os casarões do centro onde havia cortiços. Estes eram considerados, pela medicina higienista, locais sujos e inapropriados para a convivência familiar; expulsos desse centro e desamparados coube a esses populares a formação de novos cortiços, alojados nos morros. Os seus moradores foram alocados no que hoje

conhecemos como favelas. Fez-se o saneamento básico com campanhas de vacinação à população. Pavimentaram-se as ruas principais, colocou-se iluminação e foram reformadas as calçadas com pedras.

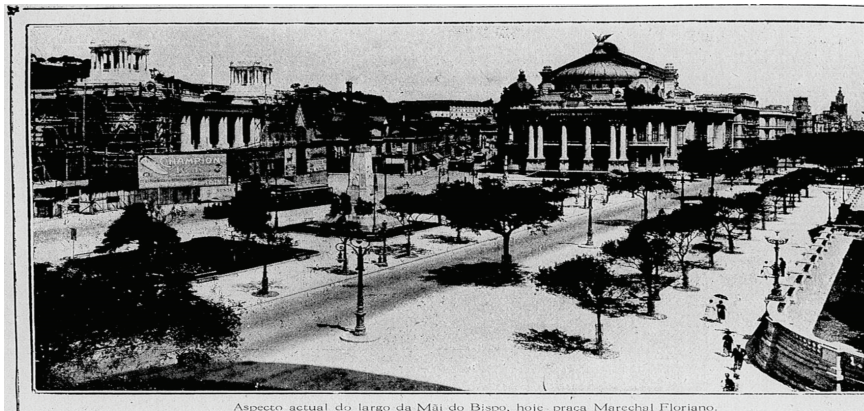


Figura 1 - Largo da Mãe do Bispo, cidade do Rio de Janeiro em 1922, em Revista *Eu sei tudo*, ano VI, nº 6, Rio de Janeiro, nov. /1922, p. 65

Inaugurou-se a Avenida Rio Branco com fachadas em *art nouveau*, com moderna iluminação elétrica, nos padrões da *Champs-Élysées*, para destilar de novos indivíduos modernos, vestidos elegantemente com trajes a “*lá francesa*” (SEVCENKO, 2010, p. 27).

Assim como o espaço físico da cidade se modernizou, vários movimentos sociais fomentaram novas ideias que vieram a somar as considerações sobre a modernidade em 1922. De acordo com Rago (2009), os movimentos operários ganharam destaque na luta por melhores condições de trabalho com a movimentação dos anarquistas e comunistas. Entra em cena o feminismo como forma de manifestação na luta pela emancipação feminina. Destaca-se a criação do Partido Comunista, a semana da Arte Moderna em São Paulo e a Exposição do centenário da independência no Rio de Janeiro.

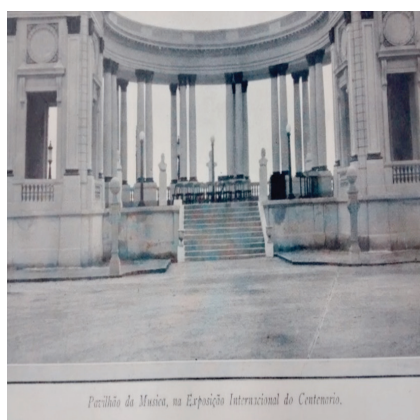
Para mostrar ao exterior que a capital do Brasil estava se consolidando como espaço limpo, higiênico e belo, foi construída a Exposição Internacional do Centenário da Independência, oficialmente aberta em 7 de setembro de 1922, durante o governo do presidente Epitácio Pessoa, e o seu encerramento se deu na primeira semana de julho de 1923. O evento ocupou uma extensa área da cidade do Rio de Janeiro e foi decorrente de aterramentos e intervenções diversas. Começava na Avenida das Nações e se estendia do antigo Palácio Monroe até a Ponta do Calabouço, dos vários pavilhões ali construídos o Palácio das Indústrias abriga hoje o Museu Histórico Nacional.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

Cada pavilhão representava uma categoria, como um símbolo arquitetônico da modernidade. Havia o prédio das festas, dos restaurantes, da música, da tecelagem e fiação, da agricultura, da viação, da administração, da estatística, da ciência médica. Vários eram destinados à representação de países do exterior, como dos Estados Unidos, da Tchecoslováquia, do México, da França. Conforme analisado na Revista *Ilustração Brasileira* (1922), para cada pavilhão há uma foto diferente de senhoras da elite fluminense, representadas como embaixatrizes dos mesmos, quando na inauguração do evento.

A maioria das construções não existe mais, mas como ilustração segue algumas fotos de dois pavilhões, retiradas da Revista *Ilustração Brasileira*, construídos nos parâmetros da época, considerados “ultramodernos”, num esforço arquitetônico da elite fluminense, aliado ao governo de Epitácio Pessoa:



Pavilhão da Música, na Exposição Internacional do Centenário.

Figura 2 - Pavilhão da Música, na Exposição do centenário de 1922, em *Ilustração Brasileira*, ano III, n 27, Rio de Janeiro, 15/ nov. /1922.



Figura 3 - Pavilhão da Tchecoslováquia, na Exposição do centenário de 1922, em *Ilustração Brasileira*, ano III, n 27, Rio de Janeiro, 15/ nov. /1922.

Nota-se que as fotografias representam vários signos de modernidade presentes na inauguração da Exposição do Centenário. A arquitetura dos pavilhões das imagens estava em estilo eclético. Este tipo de arquitetura era predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

O ecletismo proporcionou novas tipologias para as construções da época. Segundo Filho (1987), nas primeiras décadas do século XX, o ecletismo teve o seu auge com o aumento das grandes construções neste estilo pelo país, estendendo sua área de influência desde as elites em seus palacetes, até as camadas mais baixas da população, que também começam a erguer suas residências em um

estilo eclético simplificado, dentro de seus recursos. As residências eram liberadas em relação aos limites do lote. Como pode ser analisado nas fotografias, este esquema consistia em recuar os limites laterais, conservando-os frequentemente sobre o alinhamento da via pública, utilizando-se de fachadas enfeitadas com baixos relevos, colunas e janelas em arcos romanos ou ogivais.

No estilo eclético, quando havia portões, eram de ferro e a presença do porão era comum na época. As construções eram retilíneas e possuíam balaustradas e ornamentos salientes em forma de desenhos rebuscados, presentes na parte superior das portas e janelas. O uso de cores fortes era presente neste estilo, uma influência da proposta contemporânea do *art décor*, que por sua vez ganhava inspiração no uso de cores mais agressivas do movimento da pintura moderna. Os gradis de ferro são presença quase obrigatória nos prédios da época (FILHO, 1987).

Nesse progresso, que foi se intensificando desde o início do século XX, as novas elites urbanas como a fluminense, em 1922, empenharam-se em desconstruir a complexa realidade social brasileira herdada pelos longos séculos de neocolonialismo e escravidão. Além de adotarem padrões arquitetônicos diferenciados em suas construções, seguiram também novos padrões culturais, novos símbolos e novas identidades de gênero, femininos e masculinos, na busca do que significava ser moderno em uma cidade como o Rio de Janeiro.

As novas identidades de gênero propunham novos padrões culturais adotados por esta elite. Segundo o antropólogo Clifford Geertz (1989), os padrões culturais têm um aspecto duplo, eles são intrínsecos e dão significado à realidade social e psicológica e modelam-se em conformidade a ela, e ao mesmo tempo a si mesmos. Para Geertz, a percepção das mudanças sociais entre um conjunto de processos, atividades, relações, entidades e assim por diante, atua como um programa, de forma que essa nova programação possa ser tomada como representação de um símbolo. O autor cita que são os símbolos que modelam a sociedade, induzindo a pessoa a certo conjunto de disposições, tendências, capacidades, habilidades e inclinações, que se reflete em suas ações para com os demais.

Além de símbolos, a modernidade gerou novos conceitos de identidade, que na ótica sociológica de Start Hall (2001), preenchem o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo que o autor classifica como pessoal (particular) e o mundo público, entre o “homem corpo” e o “homem espécie”.

O fato de que o indivíduo projeta em si próprio essas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internaliza seus significados e

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

valores, contribui para alinhar sentimentos subjetivos com os lugares objetivos ocupados no mundo social e cultural. A identidade, então segundo Hall, “sutura” o sujeito à estrutura, “*estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis*” (HALL, 2001, p. 2).

Conforme a representação das revistas pesquisadas, percebe-se que existia um ideal de sujeito moderno estabelecido pela elite fluminense. A análise das mesmas permite conjecturar possíveis lugares de pertencimento e uso de substâncias que estavam em moda em um círculo social restrito na cidade do Rio de Janeiro, num momento em que o saber médico e o jurídico condenavam e perseguiram determinados comportamentos sociais. Identifica-se a possível construção de novas identidades elitistas, em textos e fotografias nos periódicos analisados.

Novos hábitos e velhos vícios

Os periódicos analisados são duas revistas de novembro de 1922, cujo perfil de publicação se enquadra nas características dos almanaques da época: uma grande variedade de assuntos e temas, muitos textos e a presença de fotos, gravuras, contos instrutivos e educativos, ora em tom formal ora em formato de crônica. A distribuição de cores não era homogênea nas duas revistas, pois os exemplares traziam páginas coloridas e em preto e branco.

O primeiro periódico analisado foi da Revista Ilustração Brasileira, fundada em junho de 1909, por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azevedo. Começou a ser publicado no Rio de Janeiro, ao longo da primeira metade do século XX, pela sociedade anônima O Malho. Era de formato grande 36 x 27 cm, contendo em torno de quarenta a sessenta páginas, com exceção de edições especiais, que costumavam ser mais extensas. Ao longo de três períodos esteve em circulação: o primeiro de 1909 a 1915, o segundo de 1920 a 1930 e o terceiro de 1935 a 1944. O custo da edição avulsa era de 3\$000 (três mil reis) e da assinatura anual 35\$000 (trinta e cinco mil reis). Quando o cruzeiro foi instituído como moeda nacional em outubro de 1942, o preço torna-se Cr\$5,00 (cinco cruzeiros) para avulsas e Cr\$60,00 (sessenta cruzeiros) para assinatura anual.

Na edição, o título está grafado com dois “l”: Ilustração Brasileira, mas a partir de 1941, em função da nova ortografia brasileira, muda-se para um “l”. Esta revista foi utilizada pelo governo como

Órgão Oficial da Comissão Organizadora de Festejos Nacionais, e cobriu muitos eventos nacionais e dos círculos elitistas da cidade do Rio de Janeiro.

O segundo periódico analisado foi o Magazine mensal ilustrado, científico, artístico e literário: *Eu sei tudo*. Produzido também na cidade do Rio de Janeiro, sob editoração da Companhia Editora Americana, a partir de 1917 até 1958, tinha periodicidade mensal. Esta revista vendia-se primeiramente como um magazine científico, com reforço e apoio a aura gozada pela ciência médica. Era de formato pequeno e possuía até cem páginas cada edição. O custo da edição avulsa era de 2\$200 (dois mil e duzentos reis) e da assinatura anual 30\$000 (trinta mil reis). Trazia muitos artigos mostrando a mudança física das cidades com alterações dos espaços públicos, além de enfatizar acontecimentos nos Estados Unidos e na Europa.

Ambas as revistas parecem se remeter a um público mais elitista do Rio de Janeiro, pelo tipo de matérias e sugestões de novos comportamentos considerados modernos e elegantes nos círculos mais abastados. Como eram revistas de matérias diversificadas à elite carioca, pouco se identificou a menção às classes mais pobres e outros seguimentos sociais, vinculados ao status de novos hábitos.

A análise do material das revistas; pode remeter ao resultado do processamento e interação dos indivíduos com seu ambiente, isto é, com o possível público alvo: a elite carioca e sua interação com a cidade que se transforma em 1922, o Rio de Janeiro. Na consideração de que o espaço físico da cidade também era resultado dos significados sociais envolvidos e produto de novas interações (CASTELLS, 1999, p. 24).

Também remete a interpretação dos textos e contos que parecem terem sido executados para o ano do centenário da independência do Brasil e que remetiam símbolos culturais da existência de novos hábitos da modernidade. Segundo o professor Coutinho Afrânio, a produção textual, como toda arte, é uma transfiguração do real e está presente também em revistas de variados períodos. A produção textual é recriada através do espírito do artista, que a transmite através da linguagem em forma textual (BARTHES, 1987).

Partindo da importância da produção textual como elemento que nasce de um contexto e tempo histórico específico, repleto de significação cultural, considera-se três elementos caracterizados por Bakhtin (2000), que estão presentes na análise das revistas: o *material*, a *forma* e o *conteúdo*, de uma produção escrita, organizados em torno da intenção do escritor e das condições de realização dessa in-

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

tenção. O material é a linguagem, o português, por exemplo, a forma, é a metodologia representada por meio de recursos expressivos e o conteúdo é o objeto do texto, o assunto que será trabalhado. A narrativa literária de determinado período histórico depende, dessa forma, do contexto do objeto a ser interpretado, de quem busca interpretá-lo e daqueles a quem essa reflexão será dirigida (CASTRO, 2003, p. 13).

Encontra-se uma vasta gama de contos e artigos, nos periódicos pesquisados, que parecem refletir possíveis interpretações de novos hábitos, vícios, identidades de gênero e lugares de pertencimento. Leva-se em consideração que, segundo Foucault (1988), para se reconhecer numa identidade de gênero, deve-se supor estabelecer sentido pertencimento a um determinado grupo social, (nesse caso a elite fluminense) e que esta posição remete dualidade entre homens e mulheres.

No viés das revistas, a identidade da elite fluminense parece ter se pautado em hábitos e vícios importados de padrões cosmopolitas europeus e norte-americanos. Nota-se um constante dualismo na tradução dos novos lugares de pertencimento. Esse dualismo se reflete, segundo Kuper (2002), como produto de forças culturais, sociais e psicológicas, como consequência da modernização e da ascensão do individualismo a partir da consolidação da modernidade.

Observam-se três situações encontradas em 1922, ligadas ao círculo elitista carioca, no conteúdo das revistas. A primeira delas é um artigo da jornalista Sarah Moreira, presente na Revista *Ilustração Brasileira*, que reflete a participação de algumas mulheres da elite carioca na produção de textos jornalísticos. O artigo salienta a emancipação da mulher, na luta por direitos iguais contra o patriarcado, que vai além da simples conquista do direito do voto, mas desejava também a independência das mulheres, a liberdade de ir e vir, quando e com quem bem desejassem, em sua independência econômica, com a implantação de um novo regime social.

Regime social este que beneficiasse mulheres em esferas públicas e privadas da vida, lembrando que a jornalista Sarah Moreira escrevia em uma revista voltada ao público elitista do Rio de Janeiro:

Sendo certíssimo que cada órgão tema sua função e a cada função corresponde um órgão determinado, nada exige que, tendo a mulher a função de procriar, seja ella, por isto, mantida em plano diferente do homem. Não! Homens e mulheres devemos ser perfeitamente equaes, com as mesmas obrigações e os mesmos direitos (...) não creio que as simples conquistas políticas, como seja o voto feminino, bastem á solução do problema; o que a mulher precisa, de modo absoluto, é da liberdade econômica. Prover a sua própria subsistência sem o favor, quasi esmola, do homem, pelo seu

esforço e pelo seu valor, para não continuar, como até hoje, uma presa, escrava, a calar quando ele fala e a fazer o que ele pensa, alheando-se do mundo e da vida, quando ele assim o entender. Sou partidária da criação dos círculos femininos, das associações, de tudo quanto emfim, possa, pela solidariedade, implantar um novo regime social para a mulher, dentro das regras imutáveis de não deixarmos de ser muitas femininas, para sermos feministas (MOREIRA, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 1922, p. 40).³

Existia preocupação com o debate feminista, nesta vertente proposta por Sarah, de se seguir a luta pela emancipação e igualdade feminina sem perder a feminilidade. Isto estava presente em sua proposta de criação dos círculos femininos e associações, na luta por melhores condições de vida às mulheres. O fato de Sarah ser uma mulher da elite e contribuir como escritora da revista, mostra a importância do papel dessa parcela de mulheres no debate feminista, que ganhava força na época.

A segunda situação encontrada, também na Revista Ilustração Brasileira, é um artigo de Magalhães que denota a importância da moda nos novos padrões da época. Em seu texto, Magalhães deixa clara a nova maneira da elite se vestir na cidade do Rio de Janeiro, com mudanças tanto para mulheres quanto para homens. O autor criticou os velhos costumes:

Conquanto ainda que apareça, raramente, com o terno de frack, em dias da chegada de chefes de estado, que nos visitam, como o rei Alberto, o sr. Marcello Alvear e o presidente Antônio José de Almeida, o chapéu alto foi também proscrito da nossa indumentária democrática. Ninguém a não ser o republicano Lopes Trovão, se atreve a usá-lo em plena rua, e quando algum, por acaso, reluz na cabeça de um cavalheiro, na Avenida, juntasse-lhe povo entorno, supondo tratar-se de um desses *camelot*, que anunciam a última maravilha e, pomada para calos... O guarda-chuva teve a mesma sorte. Symbolo da previdência e da pacatez do regimen. (...) Hoje, é um objecto ridículo para os dandys e constituiria uma espécie completamente desaparecida do nosso mundo. A prova de que a Republica está definitivamente consolidada e de que o povo se acha com ella absolutamente identificado é a nossa maneira de vestir. O *paleto-sacco*, desprezioso e igualitário, nivela todas as classes sociais. Preside as sessões do senado, discrusa na câmara, escreve nos jornaes, despacha nos ministérios, trabalha nas officinas, passeia nas ruas e fala mal da vida alheia, pelas esquinas (...) o frack começa a periclitlar, os próprios doutores elegantes, como Humberto Gotuzzo, deixam o *paleto de doutor* e preferem o *veston cintado* (MAGALHÃES, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 1922, p. 27).

3 Todas as citações diretas da revista Ilustração Brasileira, apresentam a forma de escrita original da época.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922.* Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

Aos senhores da elite fluminense, como o próprio Magalhães cita, a moda era o *paletotsacco*, o chapéu baixo e não se carregava mais o guarda-chuva. Outro acessório considerado moderníssimo e necessário era o relógio de bolso, cuja corrente aparece propositalmente por cima do colete.

Às senhoras desta mesma elite era indicado cabelos curtos, saias mais curtas, na altura do joelho para as mais “modernas”, colares compridos, cores claras e chapéus ovalados, como nestas fotos da Exposição Internacional da Independência:



Figura 4 - Ao lado: inauguração do pavilhão de Estatística, na Exposição Internacional do Centenário da Independência, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 15/nov/1922.



Figura 5 - Senhora Duarte Leire embaixatriz do Pavilhão de Portugal, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 15/nov/1922.



Figura 6 - Senhora Alexandre Contry embaixatriz do Pavilhão da França, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 15/nov/1922.



Figura 7 - Senhora Pruszytzsky ministra do Pavilhão da Polônia, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 15/nov/1922.

Abaixo segue foto da atriz Caire Adams, contratada da Paramount Filmes de Hollywood (W. W. Hodkinson). Considerada pela Revista Eu sei tudo, pessoa de exímia elegância e requinte, aparece em vários momentos como ícone de moda das senhoras da elite carioca.



Figura 8 - Influência da moda norte-americana. Fotos da atriz Caire Adams, em Revista Eu sei tudo, ano VI, nº 6, Rio de Janeiro, nov./1922, p. 26

Por meio do vestuário pode-se vislumbrar padrões de masculino e feminino da elite do Rio de Janeiro. Os padrões de moda encontrados nas representações das revistas possibilitam refletir sobre a aquisição de novas maneiras de se vestir para se reforçar diferenças entre as classes sociais e separar indivíduos considerados modernos dos antiquados.

A moda auxilia, neste momento de 1922, permear os signos que caracterizam os papéis de gênero, na definição de masculino e feminino. Aos senhores desta elite era necessária a participação na vida pública, através da política e do trabalho como industriais, comerciantes ou literatos, às senhoras cabia a vida privada, o controle e administração do lar, delegando funções a serviçais contratados, a prática do bordado e da música instrumental e no papel de genitora dos herdeiros da família (SCOTT, 1989; MISKOLCI, 2006).

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

A terceira situação encontrada na análise das revistas, que chamou mais atenção, foi à observância da publicação de propagandas que incentivaram o uso de drogas consideradas lícitas, símbolos do moderno e da sociabilidade, como o tabaco e as bebidas alcoólicas, em especial a cerveja, quando não consumidos em excesso.

As propagandas que incentivavam o consumo de bebidas alcoólicas aparecem nos volumes dos periódicos pesquisados, assim como as de cigarros industrializados. O valor atribuído ao consumo do álcool, segundo Savian (2013), em sua análise de propagandas de cervejas no início do século XX corresponde diretamente ao comportamento culturalmente construído pelos indivíduos em sociedade.

Para a autora, se por um lado existiam os discursos políticos e médicos que veiculavam o consumo excessivo de bebidas alcoólicas ao consumo da aguardente pela população mais pobre, por outro se consolidava a criação de uma indústria cervejeira, necessitada de consumidores, que incentivava o consumo da cerveja, e não media esforços para conquistar cada vez mais consumidores das classes médias e altas urbanas. A alternativa encontrada diante dessa situação conflituosa foi relacionar o consumo da cerveja ao espaço harmônico da sociabilidade, da diversão e da responsabilidade na moderação de seu consumo.

Através da análise das propagandas de cerveja, a autora concluiu que existiam construções culturais, linguísticas e históricas de padrões de comportamento vinculadas ao consumo de cerveja, direcionadas, em particular, para o homem branco das classes médias e altas do sudeste paulista, no início do século XX, em uma clara distinção ao consumo da aguardente, particularmente relacionada ao vício, à desordem e ao desajuste social do homem pobre.

A principal companhia em 1922 que incentivava o consumo da cerveja na cidade do Rio de Janeiro era a Bhrama, fundada em 1888, por um imigrante suíço, Joseph Villiger. Cresceu abruptamente e se fundiu com outras empresas. Logo em 1904 sua produção de chope em tonéis chegava a seis milhões de litros e a distribuição contava com nove depósitos situados no centro (SAVIAN, 2013). Seus anúncios publicitários eram impressos nos principais jornais do Rio e também estavam presentes em periódicos como a Revista Ilustração Brasileira.

A cervejaria Bhrama também fomentou várias campanhas publicitárias no decorrer das primeiras décadas do século XX, nas quais salientou a importância do consumo da cerveja escura Malzbier como complemento nutricional às refeições. Esta cerveja era

considerada boa para lactação às mães em processo de amamentação, também, um produto mais leve, portanto, de consumo apropriado pelo público feminino e a ele mais intensamente direcionado.

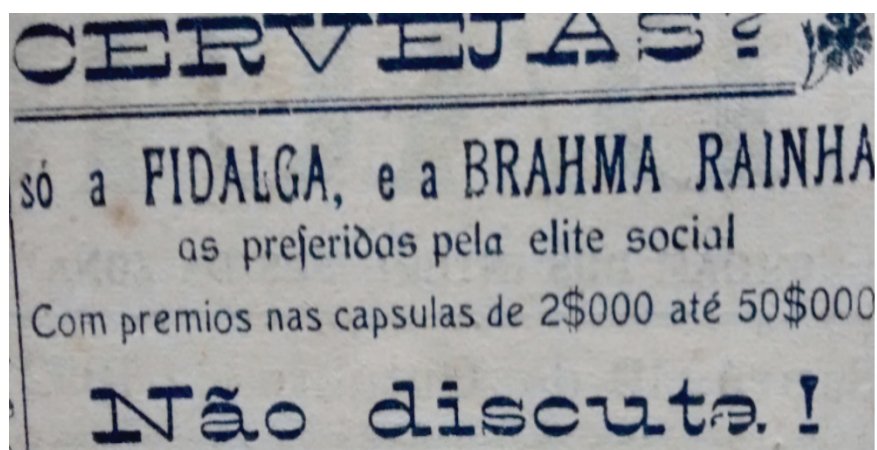


Figura 9 - Ao lado: propaganda da cerveja Fidalga e da Brahma Rainha, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n. 27, 15/ nov./1922.



Figura 10 - Propaganda da cerveja Malz Bier do Começo do Século XX. Disponível em: http://forum.jogos.uol.com.br/MALZBIER-DA-BRAHMA-TEM-O-MESMO-VALOR-ENERG%C3%89TICO-DE-UM-OVO-DE-GRANJA-OU-DE-UM-BOM-BIFE_t_389141

Além do incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas como a cerveja, as revistas traziam propagandas de cigarros industrializados e cachimbos. A ideia vinculada aos cigarros industrializados era de que a elite fluminense, protagonista do ideal de modernidade, não precisava mais utilizar-se dos fumos de corda ou cigarros de palha, que passaram a ser considerados produtos de consumo das classes mais pobres.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922.* Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922.* Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

Seguindo a moda norte-americana e européia, os cigarros, assim como os cachimbos, aparecem em várias imagens e estavam associados também a produtos higiênicos. Não foram encontradas indicações nas propagandas, que consideravam o consumo dessas substancias como nocivas à saúde; pelo contrário, o hábito de fumar tornou-se símbolo imediato de glamour. Estava associado à liberdade, ousadia e a sofisticação que os novos padrões de modernidade sugeriam aos indivíduos elitistas no Rio de Janeiro.

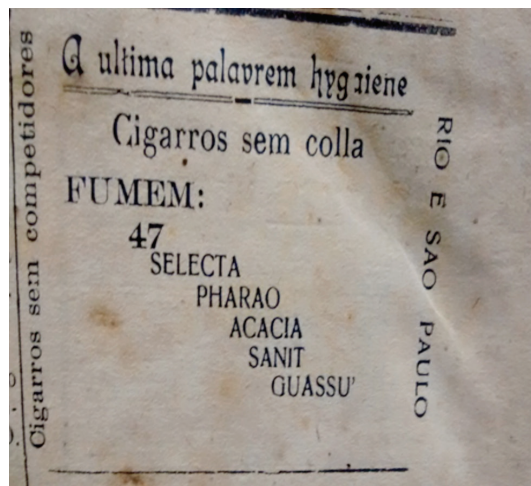


Figura 11 - Propaganda de cigarro, em Jornal O Bauru, ano XVI, n. 777, 29/ jan. /1922, p. 3.

Figura 12 - Propaganda de cigarro, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n 27, Rio de Janeiro, 15/ nov./1922, p. 2.



A ULTIMA FANTAZIA INGLEZA — As actrizes mais chics deram para fumar cachimbo. O retrato acima é de miss Gladys Cooper.

Figura 13 - Ao lado: moda inglesa de 1922 - fumar cachimbo, em Revista Eu sei tudo, ano VI, nº 6, Rio de Janeiro, nov. /1922, p. 27

Aparece também nas citações das revistas o uso de outras drogas controladas pelos regulamentos sanitários e que se vendidas sem legítima autorização podiam ocasionar multas e prisões a seus comerciantes (Decreto nº 4.294, de 6 de Julho de 1921, Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/7/1921, p. 13471).

Substâncias como o álcool, o éter, a cocaína, a morfina, o ópio e o haxixe, não eram proibidos e podiam ser encontrados com facilidade em qualquer farmácia, ou nas mãos de vendedores autônomos em círculos específicos no Rio de Janeiro. Como descreveu o Coelho Netto, em um trecho de sua crônica intitulada “Vício Novo” (1922):

O álcool é nocivo, não há dúvida, e segundo afirma a ciência, as carraspanas dos nossos avitos ainda se manifestam em nós e há muita gente que por ai cambaleia em pernas bambas, tem a língua emperrada, os olhos languídos e manifesta outros desarranjos físicos e morais, não pelo que faz, mas pelo que fizeram os seus avoengos piteireiros. Mas, o que não faz uma pipa de vinho, faz um vidrinho de algumas gotas de éter; uma pitada de cocaína é mais funesta do que um litro de cachaça; e não a misturada, ainda a mais fulminante, que valha uma pastilha de haxixe, uma fumarada de ópio, a morfina ou qualquer desses tóxicos sutis que são hoje impunemente vendidos nas farmácias sem escrúpulos ou por mercadores ambulantes que percorrem, com suas caixas letais, os quarteirões viciosos (NETTO, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n 27, Rio de Janeiro, 15/ nov./1922).

Segundo Resende (2006), em análise a vários periódicos de 1922, o uso dos tóxicos “sutis” por homens da elite fluminense era uma forma de pertencer a um grupo de ilustres. Diferente dos cigarros industrializados e do consumo de bebidas alcoólicas, que eram usados pela elite, mas que se difundiam pelas outras classes sociais o uso da cocaína, do ópio, da morfina e do haxixe parece ser um hábito exclusivo dos círculos elitistas do Rio de Janeiro.

Com relação à cocaína, percebe-se que homens da elite fluminense, a consumiam em seus círculos fechados. Estigmas negativos apareciam vinculados à imagem de mulheres envolvidas no consumo dessas mesmas substâncias:

As lâmpadas estavam esmorecidas. Apenas, no fundo, o vulto se destacava, abandonado de gesto, fino glacial. (...) O mau gosto dos aplausos e a luz de novo acesa desmancharam o encanto. Queria saber quem era. Um cavalheiro ruivo informou: __Essa mulher tem vícios horríveis, bebe champagne com éter e cheira cocaína como doida (MOREYRA, em Revista Ilustração Brasileira, ano III, n 27, Rio de Janeiro, 15/ nov./1922).

A existência desses novos vícios e hábitos de consumo parece refletir a necessidade de ostentação, de glamour e de boa sociabili-

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

dade aos círculos elitistas fluminenses, nas consolidações da modernidade em 1922.

Considerações Finais

Segundo Sevcenko (2010), as primeiras décadas do século XX foram um momento na História em que ocorreram mudanças no panorama da cultura internacional com o pós-guerra, as quais influenciaram os modelos cosmopolitas vigentes no período. A mudança social e estrutural na cidade do Rio de Janeiro deu origem a novos discursos que se tornaram o “cimento ideológico” de muitas considerações sobre o que significava ser um sujeito moderno.

Os hábitos e vícios do “novo sujeito moderno” foram disseminados pelos fomentadores da modernidade na figurada ciência médica, da política e da crescente indústria gráfica de revistas e periódicos específicos no Rio de Janeiro. Vincula-se com a influência desses disseminadores dos parâmetros modernos a criação de representações sociais na diferenciação dos grupos elitistas fluminenses da população mais pobre, até mesmo no consumo das substâncias consideradas lícitas e ilícitas.

O conteúdo das revistas parece demonstrar que as finas roupas da moda masculina, com o terno bem cortado; o vestido de tons claros das senhoras, repletas de jóias; o cigarro industrializado; o consumo da cerveja e a menção ao consumo velado da cocaína, do ópio, do haxixe, podem caracterizar novos signos de identidades modernas expressas pela “high society”, na visão das revistas.

Esses símbolos estavam ligados aos papéis de gênero masculinos e femininos, no reforço de papéis do que se considerava ser um homem ou uma mulher ideal para a elite: no uso de roupas da moda, que os diferenciavam dos mais pobres; no consumo de produtos vinculados ao ideal de modernidade, como os cigarros, bebidas e outras drogas, em seus próprios círculos sociais, para o bem da boa sociabilidade.

Apesar disso, deve-se haver preocupação em localizar esses signos conforme sua época e os grupos sociais em que foram construídos. Desta maneira, fazem-se necessárias outras pesquisas que apresentem um panorama das opiniões dos diversos grupos envolvidos na consolidação da modernidade, a fim de ampliar os olhares e as memórias sobre essa questão.

Não se pode afirmar que esses conceitos preconizados pela elite branca do Rio de Janeiro, gestados em 1922, eram os únicos, pois

assim nega-se toda a história dos embates sociais das populações mais pobres, dos negros, dos índios, das mulheres e dos excluídos de maneira geral. Contudo, pode-se reconhecer a importância desta pesquisa como elemento que vem somar aos ensaios que estudam o período e que analisam as considerações sobre a elite fluminense em 1922, um ano tão emblemático de nossa história do Brasil.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização dessa pesquisa. À Profa. Dra. Lourdes M. G. Conde Feitosa, pela orientação, pela paciência e dedicação nesse percurso da pós-graduação. À minha família, pela compreensão e apoio sempre presente, a Deus, pela força e perseverança para levar adiante essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO Nicolau (org) *História da Vida Privada no Brasil 3 – República da Belle Époque à Era do Rádio*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 217-287.

BARTES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Adriane Belluci (et al) *Os degraus da produção textual*, Bauru, SP: Edusc, 2003.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Junquery, a história de um asilo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp. 21-53.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

Decreto lei nº 4.294, de 6 de Julho de 1921, Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/7/1921, Página 13471 Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4294-6-julho-1921-569300-republicacao-92584-pl.html>>.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: PRIORE, Mary Del (org) *História das Mulheres no Brasil*, 3 ed., São Paulo: Contexto, 2009, pp. 323-359.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v. 1.

FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e Sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2005, 165 p.

FILHO, Amilcar Torrão. Uma Questão de Gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam, *Cadernos Pagu (online)*, v. 24, 2005, pp. 127-152. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>.

FILHO, Nestor Goulart Reis. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1987. Disponível em: <<http://arqbrasil10.wordpress.com/arquitetura-ecletica/>>.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 17 de março de 1976”. In: *Em defesa da sociedade* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989, p. 101-142.

HOBBSAWNM, Eric J. A Era do capital 1848- 1875. 15 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JUNIOR, E. G. e LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e Continuidades do Movimento Higienista no Brasil do século XX. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, v. 25, n. 1, p.41-54, set. 2003. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/>>.

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002. Parte 2, p. 105-311.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACHADO, Aureliano. *Revista Eu sei tudo*, ano VI, n. 6, Rio de Janeiro, nov./ 1922 Disponível em <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=164380&PagFis=8582&Pesq=Eu%20sei%20tudo>>.

MAGALHÃES, Raymundo. A influência da democracia no vestuário do cidadão. *Revista Ilustração Brasileira*, ano III, n. 27, Rio de Janeiro, 15 nov.1922.

MARQUES, Tereza Cristina de Novaes. Cerveja e aguardente sob o foco da temperança no Brasil, no início do século XX. *Revista eletrônica de história do Brasil*, ISSN 1519-5759, Departamento e Arquivo histórico da UFJF, v. 9, n.1, jan./ jul., 2007.

MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu (online)*, v. 11, 1998, p.67-75. Disponível em: <<http://www.paguunicamp.br/node/39>>.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.

MIQUELONI, Larissa Gracy Bernardi; FEITOSA, Lourdes Conde. Alcoolismo, loucura e masculinidade: uma leitura em Lima Barreto, Bauru: Mimesis, v. 34, n. 2, 2013.

MISKOLCI, Richard. A Hora da Eugenia: Raça, Gênero e Nação na América Latina. In: STEPAN N. L. (org) *Coleção História e Saúde (online)*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, 228 p. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>.

MOREYRA, Álvaro. Cocaína. *Revista Ilustração Brasileira*, ano III, n. 27, Rio de Janeiro, 15 nov.1922.

MONTEIRO, Sarah. A Esphinge sem segredo à Alvaro Moreyra, *Revista Ilustração Brasileira*, ano III, n. 27, Rio de Janeiro, 15 nov. 1922, p. 40.

NETO, Coelho. Vício Novo 1922. In: REZENDE, Beatriz. *Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 70-72.

OLIVEIRA, Osmar Nascimento de. O processo civilizatório segundo Norbert Elias. *IX Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul*, 2012.

PACHECO, Leonardo Turchi. Norbert Elias e Michel Foucault diálogos sobre poder e sexualidade. *Caderno Espaço Feminino*, v. 21, n. 1, jan./jul., 2009.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a categoria mulher. In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH, Unicamp, 2002. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/Adriana01.pdf>

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade, In: PRIORE, Mary Del (org) *História das Mulheres no Brasil*, 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2009, p. 581-605.

ROSOSTOLATO, Breno. *Eugenia e etnocentrismo*, uma sociedade segregada, 2004. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2014/09/16/eugenia-e-etnocentrismo-uma-sociedade-segregada/>>.

SAVIAN, Zulemar A. G. Gênero, Masculinidade e Alcoolismo: Brasil início do século XX. *Cadernos de Clio / PET de História UFPR*, Curitiba, n. 4, 2013.

SCOTT, Joan. O Enigma da Igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, jan./ abr., 2005.

SCOTT, Joan. *Gender: Na Useful Category of Historical Analyses: gender and the politics of History*, New York: Columbia University Press, 1989.

SEVCENKO, Nicolau (org.). O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*, v. 3, 9 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, pp. 7-48.

SEVCENKO, Nicolau (org.). A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*, v. 3, 9 Companhia das Letras: São Paulo, 2010, pp.513-620.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. *Hábitos e vícios na modernidade: representações de gênero nas Revistas Eu sei tudo e Ilustração Brasileira, do ano de 1922*. *Mimesis*, Bauru, v. 36, n. 1, p. 25-56, 2015.